

Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil

Ritter, M.R.^{1*}; Sobierajski, G.R.³; Schenkel, E.P.²; Mentz, L.A.¹

¹Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS;

²Departamento de Ciências Farmacêuticas, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC;

³Bióloga, Bolsista de Extensão PROEXT-UFRGS.

Recebido para publicação em: 27/03/2002
Aceito para publicação em: 26/08/2002.

RESUMO: Foi realizado um levantamento das plantas medicinais utilizadas pela população do município de Ipê, RS, Brasil, visando uma investigação da medicina tradicional, melhoramento e racionalização das práticas medicinais populares, em um projeto envolvendo voluntários da comunidade. Foram entrevistadas 114 pessoas, que mencionaram 252 plantas, das quais foram identificadas 105 espécies, agrupadas em 48 famílias. As plantas coletadas e identificadas foram analisadas, de acordo com dados químicos, farmacológicos e/ou toxicológicos encontrados na literatura científica. Os resultados obtidos mostram que a população deste município faz uso de plantas que, ainda, não foram alvo de pesquisa química, farmacológica e/ou toxicológica e, também, que a mesma faz uso de onze espécies, que são reconhecidamente, responsáveis por efeitos colaterais indesejados, ou ainda, que são tóxicas.

Unitermos: plantas medicinais; medicina popular; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT: Medicinal plants used by people from Ipê, Rio Grande do Sul State, Brazil. Medicinal plants used by Brazilian people from Ipê city, in Rio Grande do Sul State, were the subject of a survey realized in order to investigate the traditional medicine in this community. The project involved 114 individuals who cited 252 medicinal plants. From these plants, 105 species were identified and classified into 48 botanical families. Assessments of all known plants were based on chemical, pharmacological and toxicological data searched in scientific literature. The results show that many of these plants were not yet chemically and/or pharmacologically and/or toxicologically studied, and eleven of them were related to be responsible for side effects or even toxicity in the consulted scientific literature.

Key words: medicinal plants; folk medicine; Rio Grande do Sul State.

INTRODUÇÃO

As plantas que nos rodeiam, como qualquer ser vivo, produzem substâncias químicas, que podem atuar benéficamente sobre outros organismos ou agirem de forma tóxica. Portanto, para que o homem possa fazer uso medicinal de uma espécie, com segurança, é necessário que a mesma seja estudada sob o ponto de vista químico, farmacológico e toxicológico. Como estes aspectos nem sempre são totalmente avaliados, principalmente, para plantas nativas brasileiras, outros critérios deveriam ser considerados para que elas pudessem ser consideradas como

medicinais. Dentre esses, estão o uso tradicional e amplo, durante décadas ou algumas centenas de anos, e a coincidência de usos entre diferentes populações. Nesses casos, determinadas plantas poderiam ser recomendadas no tratamento de doenças autolimitadas, da mesma forma como é admitido o uso de medicamentos de venda livre, sem prescrição médica, descartando-se, no entanto, o uso em doenças infecciosas e distúrbios metabólicos, entre outras afecções, que requerem acompanhamento médico. Para doenças destas categorias, o uso de plantas não encontra justificativa, sendo necessária uma avaliação clínica e, muitas vezes, até internação hospitalar.

Vários levantamentos etnobotânicos foram realizados em diferentes municípios do Rio Grande do Sul, tais como Kubo (1997) (Coronel Bicaco), Garlet (2000) (Cruz Alta), Marodin (2000) (Dom Pedro de Alcântara) e Possamai (2000) (Mariana Pimentel), evidenciando a diversidade de espécies vegetais utilizadas como medicinais, pelos diversos grupos étnicos, que deram origem a população atual do Estado e proporcionando subsídios para um maior conhecimento da flora medicinal regional.

Este é um trabalho de investigação sobre a medicina tradicional de uma parcela da população do município de Ipê, RS, com vistas ao melhoramento e racionalização das práticas medicinais populares, fundamentadas no uso de plantas referidas como seguras e ressaltando aquelas reconhecidas como tóxicas, com o objetivo de promover a integração entre o conhecimento original da comunidade e aquele advindo dos meios acadêmicos.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto foi realizado no município de Ipê, RS, envolvendo voluntários da comunidade (professores das redes estadual e municipal de ensino e agentes comunitários), os quais foram responsáveis pelas pesquisas de campo, realizada com 114 moradores voluntários, em suas residências, localizadas nos diferentes distritos. Esses últimos foram escolhidos aleatoriamente, sendo 82 mulheres e 32 homens. O modelo de questionário utilizado encontra-se na página seguinte.

O município de Ipê tem uma população de 5.456 habitantes (IBGE, 2000), com uma taxa de alfabetização de 90,5 %, e compõe-se de três distritos (Sede, Vila Segredo e Vila São Paulo). Possui área de 742 km², distribuída entre serras e campos, e está situado no nordeste do Estado, na região fisiográfica denominada Campos de Cima da Serra.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas as seguintes etapas:

- a) obtenção de dados sobre o município através da EMATER/Ipê e Prefeitura Municipal;
- b) treinamento de doze voluntários pela EMATER/Ipê, responsáveis pela realização das entrevistas e coleta das plantas utilizadas como medicinais pela comunidade;
- c) identificação das espécies coletadas e incorporação das exsiccatas ao Herbário ICN da UFRGS (foram consideradas todas as plantas citadas nas entrevistas e que puderam ser identificadas até espécie);
- d) análise das informações obtidas nas entrevistas e tabulação dos dados de todas as coletas de cada espécie, para comparação das informações;
- e) revisão da literatura científica para cada espécie, obtendo-se informações sobre seus usos medicinais, suas composições químicas e suas atividades farmacológicas e toxicológicas, através de levantamentos em bases de dados disponíveis, dissertações de Mestrado realizadas no Estado do RS e livros específicos desta área.

Modelo da ficha de entrevista

Entrevistador: _____ Entrevista nº: _____

Entrevistado: _____ Data: _____

Distrito: _____ Município: _____

Nomes populares: _____

Hábito de crescimento: erva () arbusto () árvore () trepadeira () outro: _____

Ambiente de coleta: mato () campo () capoeira () terra abandonada ()
beira de estrada () cultivada () outro: _____

Flores (cor): _____ tamanho da planta: _____

Frutos: _____

Parte(s) da planta utilizada: _____

Usos: _____

Modo de preparo: chá (água) () maceração () infusão () decocção () chá(leite) ()
Alcoolatura: cachaça () vinho () outro: _____

Xarope () garrafada () compressa () unguento ()
Banhos () cataplasma () pomada () inalação ()

Observações adicionais: _____

Modo de administração/dosagem: _____

Procedimento para colheita ou preparo: _____

Época do ano para a colheita da planta para uso: _____

Costuma guardar a planta seca para utilização posterior? _____

Conhece contra-indicação para o uso da planta? _____

Conhece efeito indesejável que aparece com o uso da planta? _____

Identificação botânica: _____

Família: _____

Determinador: _____ Data: ____/____/____

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas entrevistas com 114 pessoas, que mencionaram 252 plantas. Essas plantas, após a identificação, resultaram em 105 táxons identificados até espécie e três identificados apenas até gênero (somando-se, então, 108 táxons), agrupados em 48 famílias. Para 15 dos 105 táxons mencionados, não foram encontradas referências de uso popular na literatura consultada, sendo os mesmos excluídos da Tabela 1, que refere, então, somente 90 táxons. Os nomes e os usos populares mencionados neste trabalho (Tabela 1) são os indicados pela comunidade, os quais foram obtidos através das entrevistas. Aquelas plantas que não puderam ser identificadas até espécie, por falta de coleta de partes reprodutivas, foram desconsideradas pela inexistência de outras informações: *Begonia* sp., begônia-do-mato (Begoniaceae), *Rumex* sp., língua-de-vaca (Polygonaceae) e *Sisyrinchium* sp., pêlo-de-porco (Iridaceae). Das 48 famílias identificadas, 33 estão representadas por apenas uma espécie, mostrando uma diversidade interessante, fato também observado em outros levantamentos no Estado (KUBO, 1997; GARLET, 2000; MARODIN, 2000). Em relação ao número de espécies por família, a mais representativa foi Asteraceae, com 24 táxons, seguida de Lamiaceae, com 10 táxons, fato também verificado por Garlet (2000), Kubo, (1997), Marodin, (2000) e Possamai (2000). A seguir, são apresentados e discutidos os riscos de utilização dessas plantas.

♦ Plantas de uso considerado como seguro

Algumas plantas são de amplo uso popular, cuja tradição remonta pelo menos há séculos, como é o caso da camomila [*Chamomilla recutita* (L.) Rauschert] e funcho (*Foeniculum vulgare* Mill.). A Agência Nacional de Vigilância Sanitária, através da Resolução RDC nº 17, de 24 de fevereiro de 2000, permite o registro e, portanto, a produção e comércio, de medicamentos fitoterápicos tradicionais, elaborados a partir de plantas medicinais de uso baseado na tradição popular, cuja eficácia foi validada em trabalhos científicos e sem toxicidade conhecida. Portanto, plantas como a alcachofra (*Cynara scolymus* L.), a camomila, o funcho e a malva (*Malva sylvestris* L.) são consideradas seguras. Torna-se necessário, no entanto, chamar a atenção de que plantas como o funcho e a camomila, apesar do uso tradicional e da confirmação científica de suas atividades farmacológicas, não podem ser consideradas como isentas de efeitos colaterais. Para o funcho já foram relatadas dermatites de contato em humanos (LEUNG, 1980), sendo que o óleo volátil obtido dos frutos pode causar convulsões epileptiformes (BURKHARD et al., 1999) e depressão do sistema nervoso central (GIRRE, 1985; WENIGER e ROBINEAU, 1988). Para a camomila, também, já foram relatadas dermatites de contato em seres humanos, desenvolvidas pelo contato repetido com a planta (SIMÕES et al., 1986, PAULSEN e ANDERSEN, 1993).

Plantas utilizadas como antidiarréicas, como a goiaba-do-mato [*Acca sellowiana* (Berg) Burret], o araçá (*Psidium cattleianum* Sabine) e a pitangueira (*Eugenia uniflora* L.), não foram alvo de investigação profunda, mas têm seu uso justificado devido à presença de taninos, que são reconhecidamente antidiarréicos. No entanto, os usuários devem estar conscientes dos problemas causados pela desidratação comum nos casos de diarreia, e diferenciá-los daqueles oriundos de diarreias infecciosas, que exigem cuidados médicos imediatos.

♦ Plantas de toxicidade estabelecida

As plantas com toxicidade reconhecida, cujo uso deve ser desaconselhado, como a arruda, babosa (uso interno), codina, confrei (uso interno), figueira (uso externo), mamona,

melão-de-são-caetano, quebra-pedra, além dos problemas advindos do uso crônico da losna, são discutidas a seguir.

A arruda (*Ruta graveolens* L.) é uma planta que contém substâncias tóxicas, como a metilnonilcetona, que excita a motilidade do útero, sendo responsável por abortos, além de substâncias fotossensibilizantes (furanocumarinas, como o bergapteno), causadoras de lesões e queimaduras na pele e mucosas quando expostas ao sol (TYLER, 1987; DUKE, 1989; SOUSA et al., 1991; PARFITT, 1999; WESSNER et al., 1999; MENGUE et al., 2001).

A babosa (*Aloe arborescens* Mill.), devido à presença de antraquinonas, de conhecida ação laxante, não deve ser indicada para uso interno, já que as referidas substâncias podem causar dores abdominais e irritações no intestino. Em gestantes, por estimular contrações da musculatura lisa uterina, pode provocar aborto (BELEW, 1999). Derivados antraquinônicos são excretados no leite, devendo ser evitados por mulheres que estão amamentando (PARFITT, 1999).

A codina (*Chelidonium majus* L.), conhecida em outras regiões do Estado como celidônia, iodo ou iodina, é uma planta muito próxima à papoula (*Papaver somniferum* L.), e como essa, produz alcalóides extremamente tóxicos. Seu uso interno deve ser desaconselhado, pois pode provocar estomatites e gastroenterites (DEBELMAS e DELAVEAU, 1978; GIRRE, 1980 e 1985; WENDELBERGER, 1981; DUKE, 1989), braquicardia, alterações na pressão sanguínea, paralisia e espasmos musculares (DUKE, 1989), além de induzir casos de hepatite em humanos (BENNINGER et al., 1999). O uso externo também deve ser evitado, já que o látex da planta é irritante e vesicante, causando dermatites de contato e, quando em contato com os olhos, lesões sérias (MARTINS et al., 1994).

O confrei (*Symphytum officinale* L.) foi indicado, pelas pessoas entrevistadas, para o tratamento da asma, diabete, hepatite, gastrite e reumatismo, como regulador da pressão e, em uso externo, como cicatrizante. Esta planta contém alcalóides pirrolizidínicos, de ação carcinogênica e hepatotóxica, além de serem responsáveis por aborto, teratogênese e mutagênese (GIRRE, 1980; SIMÕES et al., 1986; DUKE, 1989; SOUSA et al., 1991; BELEW, 1999; PRAKASH et al., 1999; MENGUE et al., 2001). Seu uso interno foi proibido no Brasil através da Portaria n.10 da Secretaria Nacional da Vigilância Sanitária, de 30 de janeiro de 1992. Apenas em uso externo, como cicatrizante, o uso desta espécie é justificado, sendo permitida a produção de medicamentos fitoterápicos de uso tópico através da Resolução RDC n.17, de 24 de fevereiro de 2000.

O figo ou figueira (*Ficus carica* L.) possui um látex cáustico, rico em furanocumarinas fotossensibilizantes, as quais causam danos sérios quando em contato com a pele e mucosas expostas à luz solar (GIRRE, 1980; LEMBO et al., 1985; SCHVARTSMAN, 1992; MARTINS et al., 1994; SCHENKEL et al., 2000).

As sementes da mamona (*Ricinus communis* L.) contém um óleo com pronunciada ação purgante, irritante para a membrana intestinal, com concomitante perda de proteínas e potássio (PARIS e MOYSE, 1967). Os sintomas da intoxicação são náuseas, vômitos, cólicas, diarreias, suores frios, pulso rápido, hipotensão, colapso, tremores e estupor. Casos de intoxicação em humanos estão bem documentados na literatura mundial (WEDIN et al., 1986; FERNANDO e FERNANDO, 1990; JASPEREN-SCHIB et al., 1996). Algumas sementes podem provocar a morte de uma criança (GIRRE, 1980; WENIGER e ROBINEAU, 1988; SCHENKEL et al., 2000) e a ingestão de 15 sementes, a morte de um adulto (GIRRE, 1980).

O melão-de-são-caetano (*Momordica charantia* L.) não deve ser utilizado internamente, devido à reconhecida toxicidade de suas sementes, que provocaram aborto, em camundongos (CHAN et al., 1984; MENGUE et al., 2001). Os usos relatados pelos informantes entrevistados não correspondem àqueles consagrados pela literatura, como as ações emenagoga, purgativa e anti-helmíntica (DUKE, 1989; MARTINS et al., 1994).

O quebra-pedra utilizado pelos entrevistados corresponde à *Euphorbia serpens* H.B.K. As espécies do gênero *Euphorbia* contêm um látex extremamente cáustico, o qual pode causar lesões na pele (SCHMIDT e EVANS, 1980; SANTUCCI et al., 1985), nos olhos (SCOTT e KARP, 1996) e, quando ingerido, na mucosa gastrointestinal; pode ainda provocar lesões renais (SCHENKEL et al., 2000). Os usos referidos para esta planta têm relação com o seu nome popular, quebra-pedra, isto é, como possível litolítico. Este mesmo uso é referido, na literatura, para outra espécie (*Phyllanthus niruri* L.), para a qual existem alguns estudos não conclusivos, relacionados com a atividade mencionada.

A losna (*Artemisia absinthium* L.) é uma planta amplamente difundida para uso em problemas digestivos. É necessário chamar a atenção para a presença de um componente neurotóxico, a α -tujona, cujo mecanismo de intoxicação já foi elucidado (HÖLD et al., 2000). A tujona é responsável por vômitos, tremores e convulsões (PARFITT, 1999). A losna, quando ingerida, em grandes quantidades, pode provocar crises epileptiformes e até mesmo aborto (SIMÕES et al., 1986; DUKE, 1989). Por isto, seu uso continuado deve ser evitado (GIRRE, 1980 e 1985; LEUNG, 1980; TYLER, 1987; DUKE, 1989; MARTINS et al., 1994). O absintismo, isto é, o uso continuado de bebidas alcoólicas produzidas com losna, é um distúrbio que se manifesta através de convulsões e perturbações da consciência, com degeneração irreversível do sistema nervoso central (MENGUE et al., 2001). Com base nestas informações, a losna é uma planta que deve ser utilizada com muita precaução. Mesmo assim, alguns autores consideram o seu uso não prudente, já que existem outras plantas mais seguras (ROBBERS e TYLER, 1999).

◆ Plantas desconhecidas quanto ao risco/benefício

Não foram encontradas referências científicas, que justifiquem o uso das seguintes espécies, nas afecções mencionadas nas entrevistas: *Amaranthus blitun* L., nome popular não mencionado (Amaranthaceae); *Blepharocalyx salicifolius* (H.B.K.) Berg, multa (Myrtaceae); *Bauhinia microstachya* (Raddi) Macbride, cipó-pata-de-vaca (Caesalpiniaceae); *Carya illinoensis* (Wangh.) Koch, noqueira (Juglandaceae); *Chaptalia exscapa* (Pers.) Baker, fumo-mulum, fumo-verde (Asteraceae); *Chrysanthemum myconis* L., calêndula (Asteraceae); *Cyphomandra corymbiflora* Sendtn., malvão-do-mato, malvão, eslavação (Solanaceae); *Dicksonia sellowiana* Hook., xaxim (Dicksoniaceae); *Digitaria ciliaris* (Retz.) Koel., capim-calção (Poaceae); *Hypoestes sanguinolenta* Hook., anador (Acanthaceae); *Juncus capillaceus* Lam., capim-pêlo-de-porco (Juncaceae); *Microgramma squamulosa* (Kaulf.) De la Sota, cipó-barbado (Polypodiaceae); *Paspalum distichum* L., gramínea (Poaceae); *Poiretia tetraphylla* (Poir.) Burkart, erva-de-touro (Fabaceae) e *Pterocaulon interruptum* DC., doce-amargo (Asteraceae).

◆ Denominações de plantas

Para algumas espécies, os nomes populares consagrados, fornecidos pelos informantes, não corresponderam aos referidos na literatura. Assim, *Apium leptophyllum* (Pers.) F.Muell. (Apiaceae), conhecido como aipo-chimarrão e aipo-bravo, para a população do município corresponde a anis ou erva-doce, e *Chelidonium majus* L., denominada na literatura por celidônia, iodo ou iodina, é conhecida no município por codina.

É interessante destacar que nomes comerciais de medicamentos, como anador, infalivina, melhoral e penicilina, foram informados como nomes populares de plantas. Em diversos levantamentos realizados em outros municípios do RS, tais nomes foram mencionados para diferentes espécies, conforme explicitado a seguir.

O nome anador, para *Hypoestes sanguinolenta* Hook. (Acanthaceae), espécie originária de Madagascar, foi, neste trabalho, mencionado para o tratamento de dores em geral e gripe. No

município de Cruz Alta, o nome anador é utilizado para *Achillea millefolium* L. (Asteraceae), também no tratamento da gripe, entre outros usos (GARLET, 2000). Já no município de Dom Pedro de Alcântara, o nome anador refere-se a *Alternanthera ficoidea* (L.) R. Brown (Amaranthaceae), indicada no tratamento de dores em geral (MARODIN, 2000). É interessante observar que no município de Coronel Bicaco, outra espécie do mesmo gênero é conhecida como anador (*Alternanthera reineckii* Briq.), indicada no tratamento da dor de cabeça (KUBO, 1997).

O nome melhoral, para *Salvia microphylla* H.B.K. (Lamiaceae), espécie originária do México, foi mencionado no tratamento da dor de cabeça, gripe, resfriado, qualquer dor, má circulação do sangue e palpitação do coração. No município de Cruz Alta, o nome melhoral corresponde a essa mesma espécie, tendo sido também indicada em febres, dor de cabeça e gripe (GARLET, 2000). No município de Coronel Bicaco, outra espécie de Lamiaceae é conhecida como melhoral, *Melissa officinalis* L., referida para o tratamento de dores agudas (KUBO, 1997). No município de Dom Pedro de Alcântara, o nome melhoral não foi mencionado no levantamento realizado por MARODIN (2000).

Estes dados confirmam que a indicação de nomes de medicamentos para plantas vem sendo observada, nos últimos anos (KUBO, 1997; GARLET, 2000; MARODIN, 2000), mostrando a necessidade que as pessoas têm em buscar substitutivos mais baratos nos cuidados à saúde, fenômeno que pode aumentar os riscos de acidentes ou intoxicações na população.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos mostraram que esta população faz uso de um grande número de plantas, que ainda não foram alvo de investigações científicas. Para apenas 11 das 105 espécies identificadas foram encontradas referências que indicam segurança e eficácia para alguns dos usos indicados naquela população: *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC., *Calendula officinalis* L. (uso externo), *Chamomilla recutita* (L.) Rauscher, *Cynara scolymus* L., *Foeniculum vulgare* Mill., *Lactuca sativa* L., *Malva sylvestris* L., *Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reissek, *Rosmarinus officinalis* L., *Salvia officinalis* L. e *Symphytum officinale* L. (uso externo). Observou-se, também, que a mesma faz uso de, pelo menos, 11 espécies que podem ser classificadas como responsáveis por efeitos colaterais não desejados e/ou efeitos tóxicos. Por isso, pode-se questionar a segurança e a eficácia dos métodos de atenção à saúde utilizados por esta comunidade, evidenciando-se a necessidade de maior envolvimento dos agentes de saúde e de um processo educativo continuado.

Tabela 1. Plantas referidas nas entrevistas e identificadas até espécie, com os nomes populares e usos informados pelos entrevistados, no município de Ipê, RS.*

Nome científico Familia	Nomes populares	Usos populares referidos nas entrevistas
<i>Acca sellowiana</i> (Berg) Burret Myrtaceae	goiaba-do-mato	diarréia, baixar a pressão
<i>Achillea millefolium</i> L. Asteraceae	ponta-alívio, mil-em-ramas	gripes, dores em geral, febres, catarro, pontadas (pneumonia), nervos, infecção no intestino, rins, bexiga, queimaduras, hemorroidas
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC. Asteraceae	marcela, macela	dor de cabeça, dor de estômago, para fazer a digestão, para o fígado, diarréia, tosses, gripe
<i>Achyrocline vauthieriana</i> DC. Asteraceae	marcela	dores no estômago e má digestão
<i>Adiantum raddianum</i> Presl. Pteridaceae	avenca	catarro pulmonar, ronquidão e tosse

(Continua)

* A terminologia utilizada para referir os usos e a grafia dos nomes populares correspondem aos mencionados nas entrevistas.

(Continuação)

<i>Aloe arborescens</i> Mill. Asphodelaceae	babosa	contra queda de cabelo, hemorróidas, queimaduras e eczemas
<i>Aloysia citrodora</i> Palau Verbenaceae	erva-luíza	calmante, para digestão, coração
<i>Apium graveolens</i> L. Apiaceae	salsão	junto com a malva (<i>Malva sylvestris</i> L.), para falta de menstruação e inflamações
<i>Apium leptophyllum</i> (Pers.) F. Muell. Apiaceae	anis, erva-doce	para recuperar do cansaço, fortificar a memória
<i>Apium sellowianum</i> Wolff Apiaceae	aipo	infecções, reumatismo, feridas, contusões
<i>Arctium lappa</i> L. Asteraceae	baldrana, baldana	infecções, lavar feridas, furúnculos, gargarejos para inflamação na garganta, gastrite, prisão de ventre, reumatismo
<i>Artemisia absinthium</i> L. Asteraceae	losna	dor no estômago, cólicas, diarreia, prisão de ventre, má digestão, vômitos, problemas nos rins e bexiga, inflamação e doenças do fígado, como vermicífugo
<i>Artemisia alba</i> Turra Asteraceae	canfôra, canfarana	resfriados, circulação do sangue
<i>Artemisia vertorum</i> Lamotte Asteraceae	-	vesícula
<i>Baccharis cf. riograndensis</i> Teodoro & Vidal Asteraceae	carqueja	digestão, azia, diarreia
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC. Asteraceae	carqueja	dor de barriga, fígado, para fazer a digestão, emagrecedor
<i>Bauhinia forficata</i> Link Caesalpiniaceae	pata-de-vaca	inflamação da bexiga e rins, gripe, pressão alta, diabetes
<i>Bidens pilosa</i> L. Asteraceae	picão	abrir o apetite, problemas urinários, anemia, icterícia
<i>Calendula officinalis</i> L. Asteraceae	calêndula	alergias, pneumonia, gripes, dores, cicatrizar feridas e úlceras
<i>Casearia sylvestris</i> Swartz Flacourtiaceae	chá-de-bugre	triglicerídeos, colesterol
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert Asteraceae	camomila	estômago, cólicas intestinais, má digestão, nos vômitos
<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polack Asteraceae	arnica	intoxicação do fígado
<i>Chelidonium majus</i> L. Papaveraceae	codina	para o fígado e má digestão
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck Rutaceae	laranjeira	gripe, curar insônia, nervosismo, náuseas, problemas no coração, febre, congestão, triglicerídeos, para cólicas do fígado e estômago, tosse, depurativo do sangue, acidez no estômago, cirrose, gota, pressão alta
<i>Coleus barbatus</i> Benth. Lamiaceae	boldo	nos problemas do fígado, digestivo, combate o reumatismo
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Smith Brassicaceae	mestruz	chá para tosse, compressas nas contusões
<i>Cunila galioides</i> Benth. Lamiaceae	erva-de-são-lourenço, poejo	para tosse, gripe, azia
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf. Poaceae	capim-cidró, erva-cidreira	gripe, febre, nervos, aliviar insônia
<i>Cynara scolymus</i> L. Asteraceae	alcachofra	para baixar o colesterol e como calmante, para controlar a pressão arterial e diabete
<i>Dioscorea multiflora</i> Mart. ex Griseb. Dioscoreaceae	salsaparrilha, japecunga	para purificar o sangue, doenças da pele
<i>Drimys brasiliensis</i> Miers Winteraceae	casca-de-anta, pára-tudo	fraqueza em geral
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schecht.) Michx. Alismataceae	chapéu-de-couro	na infecção urinária, diurético, nos problemas do estômago, má digestão
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl. Rosaceae	ameixeira-do-inverno	folhas com mel para tosse forte
<i>Eucalyptus cf. citrodora</i> Hook. Myrtaceae	eucalipto	bronquite, problemas nas vias respiratórias, sinusite e reumatismo

(Continua)

(Continuação)

<i>Eugenia uniflora</i> L. Myrtaceae	pitangueira	diarréia, normalizar a pressão, cólicas, baixar o colesterol
<i>Euphorbia serpens</i> H.B.K. Euphorbiaceae	quebra-pedra	pedras nos rins
<i>Ficus carica</i> L. Moraceae	figueira	o leite para queimar as verrugas
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill. Apiaceae	funcho erva-doce	para aumentar o leite quando estiver amamentando, inflamação intestinal, prisão de ventre, nos gases e cólicas abdominais, diurético
<i>Fragaria vesca</i> L. Rosaceae	moranguinho	na hepatite, controlar a pressão arterial e a bronquite asmática
<i>Gochmatia polymorpha</i> (Less.) Cabrera Asteraceae	cambará-do-mato	gripe, como expectorante, pneumonia
<i>Heimia salicifolia</i> (H.B.K.) Link Lythraceae	sarandi	para lavar feridas
<i>Lactuca sativa</i> L. Asteraceae	alface	calmante
<i>Lantana megapotamica</i> (Spreng.) Troncoso Verbenaceae	sabiá-do-mato	dores no estômago e fígado
<i>Laurus nobilis</i> L. Lauraceae	lauro, laureiro-dos-poetas	para reumatismo (só as folhas), úlceras (frutos e folhas com mel), ausência da menstruação
<i>Leonurus sibiricus</i> L. Lamiaceae	erva-do-santo-filho, macaé, erva-raposa	contra infecção, inflamação e dor no estômago
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. Verbenaceae	salva	inflamações na garganta, picada de insetos, gripe
<i>Luehea divaricata</i> Mart. Tiliaceae	açoita-cavalo, mutamba-preta	reumatismo e diarréia
<i>Malva sylvestris</i> L. Malvaceae	malva	coceira, feridas, dor de ouvido; inflamação nos dentes, garganta e gengiva; aliviar tosses, bronquite e asma; na inflamação do estômago, intestino, bexiga e útero; prisão de ventre; junto com o salsão (<i>Apium graveolens</i> L.) para falta de menstruação e infecções
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek Celastraceae	cancorosa, espinheira-santa	estômago, úlceras, azia
<i>Marrubium vulgare</i> L. Lamiaceae	gervão	má digestão e dor de cabeça
<i>Mentha spicata</i> L. Lamiaceae	hortelã-pimenta	nervos, insônia e dores de cabeça
<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker Asteraceae	guaco	bronquite, tosse, gripe, reumatismo, febre, gota
<i>Momordica charantia</i> L. Cucurbitaceae	balsami, melão-de-são-caetano	para prevenir a gripe
<i>Muehlenbeckia sagittifolia</i> (Ort.) Meissn. Polygonaceae	salsaparrilha	para feridas, frieiras, picadas de insetos, depurativo do sangue, gota, reumatismo
<i>Myrocarpus frondosus</i> Freire Alemão Fabaceae	gabriuva	tosse, gripe
<i>Nasturtium officinale</i> R. Brown Brassicaceae	agrião	expectorante e para esquecimento
<i>Ocimum selloi</i> Benth. Lamiaceae	alfavaca, manjeri- cão-de-folha-larga, remédio-de-vaqueiro	rins, ardor ao urinar, gripe, resfriado, tosse, febre
<i>Origanum cf. majorana</i> L. Lamiaceae	manjerona	febre
<i>Olea europaea</i> L. Oleaceae	oliva	diurético
<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenner Mimosaceae	angico	para tratar e curar a asma
<i>Passiflora edulis</i> Sims Passifloraceae	maracujá	asma, coqueluche, diarréia, dor de cabeça e crises nervosas
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné	inflamações, dor de dente e cabeça, sobre feridas como

(Continua)

(Continuação)

<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) A.W.Hill Apiaceae	salsão	na infecção e inflamação, bexiga, baixar a pressão, hepatite, má digestão
<i>Phyllanthus niruri</i> L. Euphorbiaceae	quebra-pedra	diurético, dor nos rins, bexiga, urina trancada, pedra nos rins
<i>Plantago australis</i> Lam. Plantaginaceae	tanchagem, tansagem	úlceras, ardor no estômago, impurezas do sangue, inflamações e feridas
<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera Asteraceae	arnica	má digestão, fígado, dor de dente, dor de cabeça, pressão alta, passar em machucados, batidas e cortes
<i>Polygonum punctatum</i> Elliot Polygonaceae	erva-de-bicho	baixar a febre, nos problemas circulatórios, na disenteria, como vermífugo, hemorróidas
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine Myrtaceae	araçá	diarréia
<i>Punica granatum</i> L. Punicaceae	romã	disenteria
<i>Richardia brasiliensis</i> Gómez Rubiaceae	amendoim-do-mato	para dor de barriga, cólica provocada por vermes
<i>Ricinus communis</i> L. Euphorbiaceae	mamona, carrapateiro, palma-cristi	como vermífugo
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. Lamiaceae	alecrim, alecrim-do-jardim	as folhas secas para cicatrizar feridas, o chá para lavar feridas, palpitação no coração, fazer a digestão, problemas com o fígado, fortificante
<i>Rubus erythrocladus</i> Mart. Rosaceae	mana-branca	colesterol, purificar o sangue
<i>Ruta graveolens</i> L. Rutaceae	arruda	cólicas menstruais
<i>Salvia officinalis</i> L. Lamiaceae	sálvia, sabiá	estômago, congestão, vômito, gripe, inflamações, catarro pulmonar e feridas
<i>Salvia microphylla</i> H.B.K. Lamiaceae	melhoral, melissa	dor de cabeça, gripe, resfriado, qualquer dor, má circulação do sangue, palpitação do coração
<i>Sechium edule</i> Swartz Cucurbitaceae	chuchu	para pressão alta
<i>Sida rhombifolia</i> L. Malvaceae	guaxuma	queda de cabelo
<i>Smilax cognata</i> Kunth Smilacaceae	salsaparrilha	para circulação do sangue
<i>Symphytum officinale</i> L. Boraginaceae	confrei	regular a pressão, cicatrizante, asma, diabete, hepatite, gastrite e reumatismo
<i>Tagetes minuta</i> L. Asteraceae	canego, cravo-de-defunto	para curar a asma
<i>Tanacetum vulgare</i> L. Asteraceae	catinga-de-mulata	para o fígado, asma, gota e reumatismo
<i>Taraxacum officinale</i> Weber ex Wiggers Asteraceae	dente-de-leão, radichi-de-mato,	para limpar o sangue, para falta de apetite, diurético, laxante e cólicas do fígado
<i>Tetragonia expansa</i> Murray Aizoaceae	espinafre	contra anemia e prisão de ventre
<i>Tropaeolum pentaphyllum</i> Lam. Tropaeolaceae	men	para diabetes (flor) e gripe (raiz)
<i>Verbena</i> cf. <i>intermedia</i> Gill. et Hook. Verbenaceae	gervão-da-folha-branca, fel-da-terra	pontada, fígado, abrir o apetite
<i>Verbena montevidensis</i> Spreng. Verbenaceae	gervão	fígado (dor, intoxicação)
<i>Viola odorata</i> L. Violaceae	violeta	asma, coqueluche, gripe, bronquite, tosse, sarampo, inflamação na garganta
<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke Verbenaceae	tarumã, taromão	para purificar o sangue e para baixar os triglicérides e o colesterol
<i>Zea mays</i> L. Poaceae	pendão, flores-de-milho	para os rins, como diurético

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Ari H. Uriartt (Eng. Agrônomo – EMATER/RS) por propiciar a realização deste trabalho, à Ana L.C.B. Meirelles (Eng. Agrônoma CAE/Ipê/RS) e à Eneiva L.C. Balancelli (Extensionista EMATER/RS) pela disponibilidade em participarem e coordenarem o trabalho de campo; à Lenise Guerra e Regina Soares (Prefeitura Municipal de Ipê) pela colaboração; e aos professores e agentes comunitários do Município de Ipê, responsáveis pelas entrevistas (Alzira Andreatta, Carmen Grazziotin, Eremy Bortolotto, Hilário Mattana, Iriete Zanotto, Lisiane Paim Majero, Lúcia Giroto, Maurílio Candiago, Renita Zampieri, Teresinha Alessi). O agradecimento é extensivo aos botânicos, que identificaram várias das espécies: Bruno Edgar Irgang, Marcos Guerra Sobral, Nelson Ivo Matzenbacher, Rosana Moreno Senna, Rumi Kubo, Sérgio Augusto de Loreto Bordignon e Thais Scotti do Canto-Dorow.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELEW, C. Herbs and the childbearing woman – guidelines for midwives. *Journal of Nurse Midwifery*, v.44, n.3, p.231-252, 1999.
- BENNINGER, J.; SCHNEIDER, H.T.; SCHUPPAN, D.; KIRCHNER, T.; HAHN, E.G. Acute hepatitis induced by greater celandine (*Chelidonium majus*). *Gastroenterology*, v.117, n.5, p.1234-1237, 1999.
- BURKHARD, P.R.; BIRKHARD, K.; HAENGGELI, C.A.; LANDIS, T. Plant-induced seizures: reappearance of an old problem. *Journal of Neurology*, v.246, n.8, p.667-670, 1999.
- CHAN, W.Y.; TAM, P.P.; YEUNG, H.W. The termination of early pregnancy in the mouse by beta-momorcharin. *Contraception*, v.29, n.1, p.91-100, 1984.
- DEBELMAS, A.M.; DELAVEAU, P. *Guide des plantes dangereuses*. Paris: Maloine, 1978.
- DUKE, J.A. *Handbook of medicinal herbs*. Boca Raton: CRC, 1989.
- FERNANDO, R.; FERNANDO, D.N. Poisoning with plants and mushrooms in Sri Lanka: a retrospective hospital based study. *Veterinary and Human Toxicology*, v.32, n.6, p.579-581, 1990.
- GARLET, T.M.B. *Levantamento das plantas medicinais utilizadas no município de Cruz Alta, RS, Brasil*. Porto Alegre, 220p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- GIRRE, L. *Connaître et reconnaître les plantes médicinales*. Rennes: Ouest France, 1980.
- GIRRE, L. *Nouveau guide des vieux remèdes naturels*. Rennes: Ouest France, 1985.
- HÖLD, K.M.; SIRISOMA, N.S.; IKEDA, T.; NARAHASHI, T.; CASIDA, J.E. α -thujone (the active component of absinthe): γ -Aminobutyric acid type A receptor modulation and metabolic detoxification. *Proceedings of National Academy of Sciences*, v.97, n.8, p.3826-3831, 2000.
- JASPEREN-SCHIB, R.; GUIRGUIS-OESCHGER, M.; GOSSWEILER, B.; MEIER-ABT, P.J. Wichtige Pflanzenvergiftungen in der Schweiz 1966-1994. Eine Fallanalyse aus dem Schweizerischen Toxikologischen Informationszentrum. *Schweizerische Medizinische Wochenschrift*, v. 126, n.25, p.1085-1098, 1996.
- KUBO, R.R. *Levantamento das plantas de uso medicinal em Coronel Bicaco, RS*. Porto Alegre, 163p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.
- LEMBO, G.; LO PRESTI, M.; BALATO, N. 1985. Phytophotodermatitis due to *Ficus carica*. *Photo-Dermatology*, v.2, n.2, p.119-120, 1985.
- LEUNG, A.Y. *Encyclopedia of common natural ingredients used in food, drugs and cosmetics*. New York: John Wiley, 1980.
- MARODIN, S.M. *Plantas utilizadas como medicinais no município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 413p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

- MARTINS, E.R.; CASTRO, D.M.; CASTELLANI, D.C.; DIAS, J.E. *Plantas medicinais*. Viçosa: UFV - Imprensa Universitária, 1994.
- MENGUE, S.S.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P. Uso de plantas medicinais na gravidez. In: SANSEVERINO, M.T.V.; SPRITZER, D.T.; SCHÜLLER-FACCINI, L.(org.) *Manual de teratogênese*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, p. 423-450, 2001.
- PARFITT, H. (ed.) *Martindale: the complete drug reference*. 32nd ed. London: Pharmaceutical Press, 1999.
- PARIS, R.R.; MOYSE, H. *Précis de Matière Médicale*. Paris: Masson, 1967. v.2.
- PAULSEN, E.; ANDERSEN, K.E. Compositae dermatitis in a Danish Dermatology Department in 1 year. 2. Clinical-features in patients with Compositae contact allergy. *Contact Dermatitis*, v.29, n.4, p.195-201, 1993.
- POSSAMAI, R.M. *Levantamento etnobotânico das plantas de uso medicinal em Mariana Pimentel, RS*. Porto Alegre, 108p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- PRAKASH, A.S.; PEREIRA, T.N.; REILLY, P.E.B.; SEAWRIGHT, A.A. Pyrrolizidine alkaloids in human diet. *Mutation Research*, v.443, p.53-67, 1999.
- ROBBERS, J.E.; TYLER, V.E. *Tyler's Herbs of choice: the therapeutic use of phytomedicinals*. New York: Haworth Herbal, 1999.
- SANTUCCI, B.; PICARDO, M.; CRISTAUDO, A. Contact dermatitis from *Euphorbia pulcherrima*. *Contact Dermatitis*, v.12, n.5, p.285-286, 1985.
- SCHENKEL, E.P.; ZANNIN, M.; MENTZ, L.A.; BORDIGNON, S.A.L.; IRGANG, B. Plantas tóxicas. In: SIMÕES, C.M.O.; SCHENKEL, E.P.; GOSMANN, G.; MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P.R. (Org.). *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, p.755-788, 2000.
- SCHMIDT, R.J.; EVANS, F.J. Skin irritants of the sun spurge (*Euphorbia helioscopia* L.). *Contact Dermatitis*, v.6, n.3, p.204-210, 1980.
- SCHVARTSMAN, S. *Plantas venenosas e animais peçonhentos*. São Paulo: Sarvier, 1992.
- SCOTT, I.U.; KARP, C.L. *Euphorbia* sap keratopathy: four cases and a possible pathogenic mechanism. *British Journal of Ophthalmology*, v.80, p.823-826, 1996.
- SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B. E.; STEHMANN, J. R. *Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1986.
- SOUZA, M.P.; MATOS, M.E.O.; MATOS, F.J.A.; MACHADO, M.I.L.; CRAVEIRO, A.A. *Constituintes químicos ativos de plantas medicinais brasileiras*. Fortaleza: UFC/Laboratório de Produtos Naturais, 1991.
- TYLER, V.E. *The new honest herbal*. Philadelphia: George F. Stickley Company, 1987.
- WEDIN, G.P.; NEAL, J.S.; EVERSON, G.W.; KRENZELOK, E.P. Castor bean poisoning. *American Journal of Emergency Medicine*, v.4, n.3, p.259-261, 1986.
- WENDELBERGER, E. *Pequeña guía de las plantas medicinales: determinación y uso de las principales especies mediante fotografías en color*. Barcelona: Omega, 1981.
- WENIGER, B.; ROBINEAU, L. *Elementos para una farmacopea Caribeña*. La Habana: ENDA-CARIBE, 1988. (Seminário, 3, TRAMIL).
- WESSNER, D.; HOFMANN, H.; RING, J. Phytophotodermatitis due to *Ruta graveolens* applied as protection against evil spells. *Contact Dermatitis*, v.41, n.4, p.232, 1999.

*** Autor para correspondência**

Profª. Mara Rejane Ritter
Depto. de Botânica - Instituto de Biociências
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Av. Bento Gonçalves, 9500
Prédio 43433 – Campus do Vale
91501-970 – Porto Alegre – RS
E-mail: mrritter@terra.com.br